

Aplicação da Teoria da Relevância em interpretações do poema “O Barro”, de Paulo Leminski, por docentes do Ensino Fundamental

Fábio José Rauen *

Ana Sueli Ribeiro Vandresen **

Com base na Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986, 1995), descrevem-se e explicam-se, neste estudo de caso¹, os processos de compreensão do poema “O barro”, de Paulo Leminski, por estudantes do Curso de Capacitação e Aperfeiçoamento para professores de 1ª a 4ª séries, das Faculdades São Judas Tadeu de Pinhais, Paraná, e em Fartura, São Paulo.²

A Teoria da Relevância fundamenta-se em dois princípios: o *princípio cognitivo* de que a mente humana tende a se guiar pela maximização da relevância e o *princípio comunicativo* de que os enunciados geram expectativas de relevância.

Relevância é uma propriedade dos *inputs* dirigidos à cognição e equivale a uma função entre efeitos cognitivos e esforço de processamento. Ao se processar um *input* num contexto de suposições

* Docente da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

** Professora da Faculdade São Judas Tadeu de Pinhais. Mestre em Ciências da Linguagem (Unisul).

¹ Este estudo faz parte do Projeto “Teoria da Relevância: práticas de leitura e produção textual em contexto escolar” do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul. Ver também: Vandresen (2005), Coral (2003), Godoi (2004), Matiolla (2004), Pavei (2005), Rauen (2005), Santos (2005), Silva (2003) e Zapelini (2005).

² Subjacentemente, o estudo avaliou a capacidade descritiva e explanatória da Teoria para o tratamento dos processos de interpretação de textos poéticos.

cognitivas de um indivíduo, esse *input* pode gerar efeitos cognitivos quando modifica ou reorganiza essas suposições. Tal *input* pode fornecer evidências para o fortalecimento (ou enfraquecimento) das suposições existentes; a contradição das suposições existentes; ou, a derivação de implicações contextuais: conclusões que advêm da combinação dos *inputs* com o contexto cognitivo.

A Teoria propõe que, ao serem iguais as condições, quanto maiores são os efeitos cognitivos, maior é sua relevância e, dado que gerar efeitos contextuais implica despender energia, quanto menor é o esforço de processamento, maior é a relevância.

Conforme o *princípio cognitivo*, os recursos cognitivos são guiados para informações que parecem relevantes ao indivíduo. Conforme o *princípio comunicativo*, um falante cria uma expectativa de relevância ótima pelo fato de dirigir-se a alguém. Assim, um enunciado é otimamente relevante quando é suficientemente relevante para ser processado e é o estímulo mais relevante que o falante se dispôs ou foi capaz de produzir.

O ouvinte, para compreender o enunciado, deseja obter uma interpretação que satisfaça essa expectativa de relevância. Para isso, com base na codificação lingüística e seguindo uma rota de esforço mínimo, ele enriquece esses *inputs*, para obter o significado explícito e completá-lo em nível implícito, até que a interpretação se conforme com sua expectativa de relevância.

Nesse processo, define-se a codificação lingüística, em nível representacional, como uma *forma lógica*. Essa forma lógica é, em geral, enriquecida por inferências até se obter a *explicatura*, entendida com uma *forma lógica proposicional* (completa semanticamente). Às vezes, a forma lógica proposicional compõe uma premissa implicada que gera dedutivamente uma conclusão implicada, uma proposição que possivelmente seria a interpretação última pretendida pelo falante – a *implicatura*.

São esses níveis representacionais – *forma lógica* (decodificação do substrato lingüístico), *explicatura* (processos de complementação pragmática a partir do resultado da decodificação), e *implicatura* (criação de inferências) – que foram utilizados nesta pesquisa (cf. Carston, 1988; Silveira, 1997; Silveira e Feltes, 1999; Sperber e Wilson, 1986, 1995). A hipótese de trabalho foi a de que a utilização dos três níveis representacionais permitiria descrever e explicar os processos cognitivos de interpretação do poema de Leminsky por professores da região de Fartura, São Paulo.

Para corroborá-la, foi elaborado um instrumento de coleta de dados que, após teste piloto, foi aplicado com todos os integrantes do curso de Capacitação e Aperfeiçoamento. Dentre essas interpretações, foram escolhidas, aleatoriamente, trinta interpretações que compuseram o *corpus* da análise.

Para a análise dos dados, em primeiro lugar, aplicou-se a escala focal (cf. Sperber e Wilson, 1995, seção 2.6.6) no texto de base *O Barro*, de Paulo Leminski, para, em seguida, dar conta das interpretações dos sujeitos da pesquisa.

A fim de (re)construir a dinâmica dos processos inferenciais, necessários para elaborar a interpretação do poema, levaram-se em consideração os estágios que se seguem. Antes mesmo de executar a tarefa-alvo, o intérprete leu o poema. Essa tarefa prévia foi formalizada do seguinte modo: a Leitura (L) do intérprete (I) no tempo inicial (t_1) é uma função (f) dos enunciados do poema *O Barro* de Paulo Leminski (E_{LK}) nesse tempo inicial (t_1), ambientando no contexto cognitivo do intérprete nesse tempo inicial (C_1t_1). Vale destacar que esse contexto cognitivo inicial já fora modelado pelas falas do docente e sua perspectiva sobre o poema ao contextualizar a atividade ($E_{LK}t_0, C_1t_0$). Veja-se a formulação dessa leitura inicial.

$$L_1 = f(E_{LK}t_1, C_1t_1 (f E_{LK}t_0, C_1t_0)).$$

Na tarefa-alvo (t_2) – a interpretação do poema, os enunciados do intérprete (E_1) são uma função (f) dos enunciados do poema no tempo 2 ($E_{LK}t_2$) ambientado no contexto cognitivo do intérprete nesse mesmo tempo 2 (C_1t_2), que já fora modelado pela leitura inicial e contextualização da tarefa, leia-se, é uma função (f), como exposto na primeira formulação e, agora, representado por (Δ).

$$E_1t_2 = f E_{LK}t_2, C_1t_2 (f \Delta).$$

Os enunciados que compõem a interpretação do analista (E_A) no tempo 3 (t_3), por sua vez, são uma função (f) dos enunciados do intérprete no tempo 2 (E_1t_2), interpretação essa que já fora influenciada nos termos da segunda formulação e, agora, representado por (Δ), ambientada no contexto cognitivo do analista no tempo 3 (C_At_3). Ressalte-se, aqui, influenciada tanto pelo conhecimento do analista do texto de Leminski quanto da Teoria da Relevância.

$$E_At_3 = f E_1t_2 (f \Delta), C_At_3$$

Em outras palavras, as interpretações se constituem palimpsestas. Cada interpretação *a posteriori* contém marcas dos estágios anteriores. A interpretação dos docentes contém marcas de sua leitura prévia do poema, tanto quanto as interpretações do analista contém

marcas de todos os estágios anteriores.

Síntese da análise do poema

O poema *O Barro*, de Paulo Leminski, apresenta a seguinte forma lingüística:

(1) *Forma Lingüística*:

O barro toma a forma que você quiser.

Você nem sabe estar fazendo o que o barro quer.

Essa forma lingüística é semanticamente incompleta. Ela se comporta no interior de uma forma lógica que pode ser expressa numa formulação sintática ou semântica (Silveira e Feltes, 1999).

Veja-se a formulação sintática:

(2) *Forma Lógica* (formulação sintática):

[S1 [S2 [SN [O barro]] [SV [V [toma]] [SN [a forma [SP [Ø]]]]] [S3 [SN [Você]] [SV [V [quer Ø]] [SN [a forma [SP [Ø]]]]]]] [SAdv_{tempo} [Ø]] [SAdv_{lugar} [Ø]]] mas [S4 [SN [Você]] [Neg [nem]] [SV [V [sabe estar fazendo]] [SN [o]] [S5 [SN [o barro]] [SV [V [quer Ø]] [SN [QUE]] [SP [Ø]]]]] [[SAdv_{tempo} [Ø]] [SAdv_{lugar} [Ø]]]].

Essa formulação pode ser resumida como em (2’):

(2’) *Forma Lógica* (formulação sintática resumida):

[S1[S2[S3]] *mas* [S4[S5]]].

Veja-se a formulação semântica:

(3) *Forma Lógica* (formulação semântica):

((tomar, x, y (quiser fazer, z, y, de x) t_t l_l) mas (sabe estar fazendo, nem, z, y, (quer fazer, x, y, de x) t_t l_l)

onde:

x = o barro;

y = a forma de alguma coisa;

z = você;

t_t = tempo t qualquer;

l_l = lugar l qualquer.

Vistas as formulações, segue-se a explicatura do poema:

(4) *Explicatura*:

O barro toma a forma Ø [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quiser Ø [fazer do barro] Ø [no tempo_i] Ø [no lugar_i] Ø [mas] você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer Ø [fazer] Ø [do barro] Ø [no mesmo tempo_i] Ø [no mesmo lugar_i].

Para a Teoria da Relevância, a primeira interpretação consistente com o princípio de relevância será considerada pelo intérprete e tomada como verdadeira. Apesar da consistência do argumento, isso não autoriza aceitar como adequada toda e qualquer interpretação. Para dar conta da avaliação das interpretações, a explicatura em (4) foi considerada como interpretação *standard*, contra a qual todas as demais interpretações dos trinta sujeitos de pesquisa foram confrontadas.

Em função disso, levaram-se em conta os seguintes elementos:

1. Atribuição de referente ao item lexical 'barro'.³ Como os poemas são locais privilegiados para a linguagem figurada, é provável que o intérprete considere o enunciado de Leminski como uma interpretação de um pensamento de Leminski. Logo, é razoável supor que barro é diferente de ARGILA. Assim, um intérprete acostumado a ler textos poéticos tentará preencher a entrada lexical 'barro' com um conceito alternativo já na primeira leitura.

2. Atribuição de referente ao item lexical 'você'. Supõe-se que a atribuição de referente ao item lexical 'você' seja compatível com aquela estabelecida ao item lexical 'barro'. Por exemplo, 'barro' como ARGILA pode acessar 'você' enquanto OLEIRO; 'barro', como PALAVRA, pode autorizar 'você' enquanto ESCRITOR OU POETA.

3. Percepção da oposição entre o caráter passivo atribuído a 'barro' na primeira estrofe e o caráter agentivo/reflexivo, na segunda, autorizando preencher-se a relação adversativa entre as estrofes.

4. Percepção de mesma atribuição de referência espaço-temporal para o conteúdo proposicional da primeira e da segunda estrofe e, por conseqüência, percepção do paradoxo.

Veja-se, agora, a análise de uma das interpretações.

3 Conforme Silveira e Feltes (1999, p. 18), nos estudos cognitivos distinguem-se as expressões lingüísticas grafando-as entre aspas simples, como em 'barro', os conceitos grafando-os em versais, como em BARRO, e as referências no mundo grafando-as sem qualquer indicativo, como em barro.

Análise de uma interpretação

Veja-se o texto do intérprete 1:

Não é de barro que o poema fala, mas da palavra. É a palavra que toma a forma que nós queremos, pois somos nós que damos significado a ela, quando a lemos. E o poeta nada mais é do que um instrumento a serviço delas, quando escreve.

O texto em questão foi analisado nos três níveis representacionais: forma lógica, explicatura e implicatura. Dessa forma, obteve-se no *nível lógico*, a seguinte forma lógica semântica (**FLSem**):

- (1) é (não, de barro) QUE fala (o poema, Ø) MAS Ø (Ø, da palavra);
- (2) é (Ø, a palavra) QUE toma (a palavra, a forma) Que queremos (nós, Ø) POIS somos (nós, Ø) QUE damos(Ø, o significado) Ø (Ø, a ela) QUANDO lemos (Ø, a).
- (3) E é (o poeta, nada mais) DO QUE Ø (Ø, um instrumento a serviço delas) QUANDO escreve (Ø, Ø).⁴

Essa forma lógica enseja complementações pragmáticas que <possivelmente> geram a seguinte *explicatura*:

- (1) Ø[Eu] Ø [creio que] não é de barro [material modelável pela vontade do homem] que [de barro] o poema Ø [de Paulo Leminski] fala, mas Ø [o poema de Paulo Leminski fala] da palavra.
- (2) É a palavra que [a palavra] toma a forma que [a forma] nós [pessoas] queremos, pois somos nós [pessoas] que [nós=pessoas] damos o significado a ela [palavra] quando a [a palavra] Ø [nós=pessoas/leitores] lemos Ø [no poema de Leminski/em qualquer poema].
- (3) E o poeta [o que faz poemas/Leminski] nada mais é do que [é simplesmente] um instrumento a serviço delas [das palavras], quando escreve Ø [o poema].

⁴ Em Teoria da Relevância, formaliza-se com Ø a elipse dos elementos lingüísticos das formas lógicas dos enunciados (cf., por exemplo, Silveira, 1997; Silveira e Feltes, 1999)

A explicatura contempla os seguintes processos inferenciais:

- (i) \emptyset [Eu] – preenchimento do material elíptico mediante a atribuição de agente à ação de interpretar o texto/poema de Leminski;
- (ii) \emptyset [creio que] – preenchimento de material elíptico através da recuperação da atitude proposicional do intérprete, pelo contexto;

A Teoria da Relevância postula que o falante/escritor produz um estímulo ostensivo que, para ser otimamente processado, deve realizar duas incumbências: a) desenvolver o maior número de efeitos contextuais possíveis; e b) diminuir o esforço de processamento do ouvinte/leitor. Outro postulado concerne às atitudes proposicionais. Elas não necessitam ser evidenciadas lingüisticamente, podendo ser recuperadas no nível da explicatura, a partir do encaixe do conteúdo do enunciado do comunicador em uma descrição de alto nível sobre a atitude do falante em relação à proposição que ele expressou. Como o intérprete realiza uma atividade solicitada pela docente, tem-se assegurado que ela não terá dúvidas sobre quem é o agente da interpretação. Sendo a professora "a leitora virtual" da interpretação do aluno, o acréscimo de esforço de processamento é apenas aparente, pois é mutuamente manifesto a ambos que " \emptyset Não é..." remete a "[eu (o aluno) interpreto que] Não é...".

- (iii) Não é de barro [terra branca de diversas cores, composta, empregada no fabrico de louças; argila; material que se amolda pela vontade do homem] – enriquecimento do enunciado através da memória enciclopédica;

A entrada lexical 'barro' permite o acesso a todos os tipos de informação armazenada na memória sob aquele endereço conceitual, permitindo, dessa forma, o enriquecimento do enunciado e, posteriormente, a refutação ou aceitação de hipóteses interpretativas. Vale dizer que nem todos os acessos apresentados tenham ocorrido.

- (iv) que [de barro] – atribuição de referência à entrada lexical 'que', em função da entrada lexical *barro*, do segmento anterior;

A entrada lexical 'que' funciona como pro-forma nominal. No

caso, substitui a entrada lexical 'barro'. Trata-se de uma hipótese sintática antecipatória derivada do conhecimento lingüístico de falantes de língua portuguesa.

(v) o poema \emptyset [de Paulo Leminski] fala – enriquecimento da forma lógica, através do preenchimento de material elíptico, com base no conjunto de suposições iniciais gerado pelo contexto da tarefa;

No caso em tela, o poema supostamente se refere ao poema de Paulo Leminski, posto que é esse o poema o objeto da interpretação e não outro qualquer. Essa mesma hipótese permite preencher a elipse de elementos lingüístico que se segue:

(vi) mas \emptyset [o poema de Paulo Leminski fala] da palavra. – preenchimento do material elíptico, em função do segmento anterior;

O fragmento “Não é de barro que o poema fala, mas da palavra” permite destacar o seguinte conjunto de suposições realizadas pelo intérprete, a partir do contexto inicial:

S_{int1}^1 : Oleiro trabalha com barro (do conhecimento enciclopédico);⁵

S_{int1}^2 : Leminski não é oleiro (do conhecimento enciclopédico);

S_{int1}^3 : Se Leminski não é oleiro, então Leminski não trabalha com barro (premissa implicada);

S_{int1}^4 : Leminski não trabalha com barro (conclusão implicada);

S_{int1}^5 : Leminski é poeta (do conhecimento enciclopédico);

S_{int1}^6 : Poetas trabalham com palavras (do conhecimento enciclopédico)

S_{int1}^7 : Se Leminski é poeta e se poetas trabalham com palavras; então Leminski trabalha com palavras (premissa implicada);

S_{int1}^8 : Leminski trabalha com palavras (conclusão implicada);

S_{int1}^9 : Se Leminski trabalha com palavras, então barro no poema é palavra (premissa implicada);

⁵ Leia-se S_{int1}^1 como Suposição 1 do intérprete 1.

S_{Int1}¹⁰: Barro no poema é palavra (conclusão implicada);

(vii) É a palavra que [a palavra] toma – atribuição de referência à entrada lexical 'que', em função do segmento anterior;

(viii) a forma que [a forma], – atribuição de referência à entrada lexical 'que', em função do segmento anterior;

(ix) nós [pessoas] queremos – enriquecimento do enunciado pelo contexto e pelo sistema dedutivo.

(x) pois somos nós [pessoas] – atribuição de referência à entrada lexical 'nós', através do contexto e do fragmento de texto anterior;

(xi) que damos o significado a ela [a palavra] – atribuição de referência à entrada lexical ela, através do contexto e do fragmento de texto anterior;

(xii) quando a [a palavra] – atribuição de referência pronominal à entrada lexical 'a', através do contexto;

(xiii) Ø [nós = pessoas] lemos – atribuição de agente a ação expressa pela proposição, através do sistema dedutivo e do fragmento de texto anterior;

A partir da atribuição do item lexical 'nós' como agente da ação expressa por 'lemos', o intérprete pode ter realizado o seguinte cálculo dedutivo, ampliando os efeitos contextuais do enunciado:

S_{Int1}¹¹: **Se** o poema diz que 'nós' é agente da ação de ler e quem lê é leitor, **então** 'nós' equivale a leitores (premissa implicada).

S_{Int1}¹²: O poema diz que 'nós' é agente da ação de ler;

S_{Int1}¹³: Quem lê é leitor;

S_{Int1}¹⁴: 'Nós' equivale a leitores (conclusão implicada).

(xiv) Ø [no poema de Leminski/em qualquer poema]. – preenchimento do material elíptico, pelo contexto e pelo sistema dedutivo;

(xv) E o poeta nada mais é do que [simplesmente é] – enriquecimento do enunciado através do sistema dedutivo;

O fragmento "nada mais é do que" gera mais esforço de processamento, que deve ser compensado por ganhos cognitivos adicionais.

(xvi) um instrumento a serviço [trabalho] – enriquecimento do enunciado, através da memória enciclopédica;

(xvii) ‘delas’ [das palavras] – atribuição de referente pronominal a entrada lexical *delas*, pelo fragmento de texto anterior;

(xviii) quando escreve \emptyset [o poema] – enriquecimento do enunciado, através contexto.

Nesse ponto, o texto autoriza a hipótese de um segundo conjunto de suposições realizado pelo leitor, a partir de S_{Int1}^{10} : Barro é palavra.

S_{Int1}^{15} : Palavras compõem textos (do conhecimento enciclopédico);

S_{Int1}^{16} : Textos são lidos por pessoas (do conhecimento enciclopédico);

S_{Int1}^{17} : Se a palavra não se amolda pelo escritor, então a palavra se amolda pelas pessoas que a lêem (premissa implicada);

S_{Int1}^{18} : A palavra se amolda pelas pessoas que a lêem (conclusão implicada).

Assim, depois de ter explicitado a forma lógica e a explicatura, *realiza-se*, a partir dos <prováveis> conjuntos de suposições ($S_{Int1}^1 - S_{Int1}^9$ e $S_{Int1}^{14} - S_{Int1}^{17}$), a seguinte implicatura:

S_{A1} : Se ($S_{Int1}^1 - S_{Int1}^{10}$), então S_{A2} (premissa implicada);

S_{A2} : O intérprete/leitor <possivelmente> estabeleceu relações entre barro e palavra pela característica de modelagem (conclusão implicada).⁶

Essa implicatura remete à outra, quando somada ao <provável> conjunto de suposições realizado pelo intérprete:

S_{A3} : Se $S_{Int1}^{15} - S_{Int1}^{18}$ então S_{A2} ;

S_{A4} : O autor não pode prever o significado que o leitor atribuirá às palavras.

⁶ Leia-se S_{A1} como a Suposição 1 do Analista e assim por diante.

Essa implicatura deriva em outra:

S_{A5} : Existe mais de uma leitura possível.

E ainda mais outra:

S_{A6} : A leitura, do texto de Leminski, é bem sucedida.⁷

Essa implicatura é reforçada pela observação de que o intérprete não só atribui significado consistente a 'barro' e 'você', como recupera a oposição implícita no poema e seu conseqüente efeito paradoxal.

A partir dos mecanismos inferenciais apresentados, esse intérprete desencadeia a compreensão do texto poético, a partir da analogia feita entre o item lexical 'barro' – material que se amolda pelo contexto (vontade humana) e o item lexical 'palavra', que possui a capacidade de se resignificar de acordo com o contexto em que está inserida.

Resultados

A análise do poema gerou quatro critérios para avaliação das interpretações: atribuição de referente ao item lexical 'barro', atribuição de referente ao item lexical 'você', recuperação da relação de oposição entre as duas estrofes do poema e recuperação da relação de paradoxo entre as duas estrofes do poema.

Para a Teoria da Relevância (Sperber e Wilson 1986, 1995), a atribuição de referente é função da primeira interpretação consistente com o princípio de relevância. Nesse caso, cabe ao sujeito a atribuição consistente de uma única referência para a palavra 'barro'; e cabe ao analista verificar os mecanismos inferenciais subjacentes à escolha. No que diz respeito a esse critério, os resultados apontam para a dispersão de atribuições, conforme a tabela 1.

⁷ Sperber e Wilson afirmam que "as inferências não-demonstrativas, como espontaneamente realizadas pelos seres humanos, devem ser vistas como bem ou mal sucedidas, eficientes ou não eficientes, antes de logicamente válidas ou inválidas" (Silveira, 1997, p. 35).

Atribuição de referente para o item lexical 'barro'	Frequência	Porcentagem
Alunos	7	23,33
Crianças	1	3,33
Pessoas/seres humanos	5	16,67
Processo ensino-aprendizagem/prática educativa	2	6,67
Vida/Destino	8	26,67
Idéias/pensamentos	1	3,33
Sentimentos	1	3,33
Personalidade	1	3,33
Criação artística/obra de arte	2	6,67
Deus	2	6,67
Total	30	100,00

Tabela 1 - *Frequência e percentual de opções de atribuição de referente para o item lexical 'barro'*

O segundo critério tem a ver com a atribuição de referência à entrada lexical 'você' e, nesse aspecto, as interpretações não diferem, pois atribuem a essa entrada o conceito de SER HUMANO: PESSOAS, ALUNOS, CRIADOR, PROFESSORES.

O terceiro critério se refere à recuperação da oposição implícita que estabelece a conexão entre as duas estrofes do poema, de tal sorte que a proposição expressa na segunda estrofe diverge da proposição expressa na primeira estrofe. Nesse particular, dois terços delas (vinte casos) recuperaram a conexão adversativa entre os enunciados do poema e, no que se refere a esse critério, foram bem sucedidas.

Quando o leitor percebe a oposição entre as estrofes, ocorre uma rejeição da interpretação inicial ('barro' = BARRO), uma vez que "a mente humana rejeita (monitora) contradições" (Silveira, 1997, p. 55). Como a interpretação inicial foi descartada, exigiu-se do intérprete a procura por outra interpretação, no caso, um esforço extra para estender o contexto inicial, com a construção de premissas e conclusões implicadas. Isso foi compensado por efeitos contextuais que, por sua vez, conduziram à interpretação apropriada. Ou seja, o leitor buscou construir uma hipótese sobre o significado do texto que satisfizesse a presunção de relevância comunicada textualmente. Vale ressaltar que para o intérprete foi razoável "parar na primeira interpretação que satisfizesse suas expectativas de relevância, porque nunca haveria mais do que uma" (Wilvson; Sperber, 2005, p. 232).

Essa oposição que se estabelece entre as estrofes gera um efeito paradoxal. Recuperar esse efeito paradoxal constitui-se no quarto critério considerado na avaliação das interpretações. Nesse particular, apenas onze interpretações (36,67%) recuperaram o paradoxo.

Considerações finais

Dois aspectos dos resultados da seção anterior merecem destaque: o ambiente cognitivo do sujeito da pesquisa/aluno e o ambiente cognitivo do analista/professor.

Sobre o *ambiente cognitivo do sujeito da pesquisa*, é evidente sua influência direta nas interpretações. Por exemplo, 13 sujeitos (43,33%) atribuíram como referentes ao item lexical 'barro', conceitos como ALUNO, CRIANÇA, PESSOAS, SERES HUMANOS. Sendo os sujeitos alunos de um curso de capacitação e aperfeiçoamento para professores de séries iniciais focado no aprimoramento de suas práticas educativas, isso exerceu forte interferência na interpretação.

Ao emparelhar 'barro' com ALUNO, CRIANÇA, PESSOAS OU SERES HUMANOS, as interpretações acabam por afiançar a crença desses profissionais na hipótese da *tabula rasa* – “[o aluno] toma a forma que você quiser”.⁸ Sendo essa a primeira interpretação consistente com o princípio de relevância, a conseqüência é a de se obliterar o segundo enunciado. Veja-se que o segundo enunciado: “Você nem sabe estar fazendo o que [a criança] quer” é inconsistente com a primeira interpretação. A suposição desse segundo enunciado, porém, é incapaz de gerar o efeito contextual de enfraquecimento do primeiro enunciado e, assim, abrandar a referida crença na *tabula rasa*.

Alternativamente, 11 sujeitos (36,66%) optaram por conceitos COMO VIDA, DESTINO, IDÉIAS, PENSAMENTOS, SENTIMENTOS OU PERSONALIDADE. No caso, as interpretações ou caem no paradoxo da vontade absoluta (enunciado 1) *versus* a submissão ao destino (enunciado 2) ou obliteram o primeiro ou segundo enunciado, pelas mesmas razões explicadas anteriormente.

Uma versão interessante desse paradoxo é a correlação com o PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM e a PRÁTICA EDUCATIVA. Explicitamente: “[o processo ensino-aprendizagem] toma a forma que você quiser/Você nem sabe estar fazendo o que [o processo ensino-aprendizagem] quer”; “[a prática educativa] toma a forma que você quiser/Você nem sabe estar fazendo o que [a prática educativa] quer”. Dois sujeitos seguiram essa lógica.

⁸ A noção de *tábula rasa* é atribuída ao filósofo inglês John Locke (1632-1704), para quem os seres humanos nascem sem quaisquer conhecimentos ou impressões, como uma tela ou tábua em branco. Assim, todo conhecimento decorre da experiência empírica com base em processos de tentativa e erro.

A correlação com CRIAÇÃO ARTÍSTICA OU OBRA DE ARTE foi estabelecida por dois sujeitos. Seria razoável supor que essa atribuição fosse mais freqüente, uma vez que o mote do poema presumivelmente é a própria criação literária e os conflitos do artista com a rebeldia da palavra. Compare-se que, com a mesma freqüência, houve a correlação entre 'barro' e DEUS. Esses resultados são inequívocos no sentido de atestar a influência do conhecimento enciclopédico na interpretação.

O segundo aspecto, *o contexto cognitivo do professor/analista*, trata do posicionamento do professor como analista de um trabalho científico. Constatou-se que, por mais que se buscasse um distanciamento na análise das interpretações, inferências decorreram do conhecimento que a docente possuía dos alunos, permitindo uma expansão de contextos impraticável a um analista alheio ao contexto de sala de aula.

Nas duas interpretações, nas quais 'barro' conecta-se com o conceito de DEUS, é impossível não derivar implicaturas mais fracas como:

S_A⁷: O intérprete possui crenças religiosas muito fortes.

E, em função do conhecimento da religião professada pelos intérpretes, derivar-se:

S_A⁸: As convicções dos adeptos da doutrina evangélica são acentuadas.

O fato de o contexto cognitivo do professor como analista não ser neutralizado leva a constatar que a avaliação deve ser influenciada pelo seu contexto cognitivo, ou seja:

$$Av_p t_3 = f E_a C_p t_3 \cdot (f E_{Lk} t_{n-1} C_p t_{n-1})$$

Onde:

Av_p: avaliação do professor;

t_n: tempo em que o professor avalia;

f: função (resultado de);

E_a: enunciado do aluno;

C_p: contexto cognitivo do professor;

E_{Lk}: poema de Paulo Leminski;

t_{n-1}: tempo em que o aluno elabora sua interpretação;

Em outras palavras, a avaliação do professor (Av_p) no tempo da avaliação (t_n) é uma função ou resultado da ambientação do enunciado do aluno (E_a) no contexto cognitivo do professor (C_p). Nesse contexto, estão presentes a vivência que o professor tem com seus alunos e o conhecimento que possui sobre eles; e, obviamente, a ambientação do poema de Leminski (E_{Lk}) com o ambiente cognitivo do professor (C_p) em oportunidades anteriores (t_{n-1}).

Isso leva a refletir sobre a avaliação do professor no contexto de sala de aula, levantando duas hipóteses prováveis. Se o professor baseia-se em código, provavelmente, pode eleger uma interpretação como correta, geralmente, aquela apresentada pelo livro didático ou sua própria. Isso promove uma perspectiva distorcida de que há uma visão privilegiada que se assimila à noção de verdade, refutando qualquer outra que difira desta (eleita como certa) por ser falsa (leia-se errada), instalando (leia-se consolidando) uma concepção monossêmica de interpretação.

Se o professor assimila a concepção de comunicação como produto de processos ostensivos e inferenciais, ele poderá ampliar sua visão de avaliação, pois levará em conta o contexto cognitivo do aluno, ou seja, levará em conta a visão própria de mundo que esse aluno possui: suas expectativas, seus valores, seu modo de vida, instigando-o a procurar por si mesmo o sentido do texto, ampliando seu contexto.

Para a Teoria da Relevância, o contexto é um construto psicológico, um subconjunto das suposições do ouvinte/leitor sobre o mundo. Observe-se que esse conceito de contexto aproxima-se muito da mundivivência provocada pela leitura de mundo, tão propalada por Paulo Freire para a eficácia da leitura. Por isso, considera-se relevante ressaltá-lo, aqui, quando afirma "eu não cerro as portas na leitura da palavra porque eu acho que ela não se dá, em termos profundos, sem a leitura de mundo" (Freire, 1982, p. 4).

Tanto a corroboração da hipótese, quanto os aspectos apresentados acima levam a considerar que este estudo pode apontar a Teoria da Relevância como uma forma de elucidar os mecanismos realizados pelo professor, durante o processo de avaliação. Além disso, a teoria pode ser um referencial que permite orientá-lo no processo de construção de suas avaliações. Se a busca da relevância é uma característica da cognição humana, o professor deve explorá-la da mesma forma que os comunicadores o fazem. Afinal, sendo conhecedores do contexto cognitivo de seus alunos, os educadores podem ser capazes de produzir um estímulo ostensivo que atraia sua atenção, ativando um conjunto de suposições

contextuais que aponte para a conclusão pretendida, levando-os a construir seu conhecimento e a repensar conceitos.

Desta forma, acredita-se que a Teoria da Relevância deva ser aplicada não somente em pesquisas voltadas aos processos pragmáticos da comunicação humana *lato sensu*. A Teoria abre grandes possibilidades para o campo pedagógico. Ela possibilita estudos na área de currículos, metodologias de ensino e, em especial, promovendo o rompimento dos educadores com uma concepção monossêmica de interpretação, levando-os a colocar em crise a interpretação de seus alunos de uma perspectiva mediada por sua reflexão crítica. Vale lembrar também sua aplicação em pesquisas sobre a apropriação de competências na leitura e escrita literárias.

Do ponto de vista mais restrito desse estudo, por fim, vale acrescentar que, operacionalmente, a Teoria da Relevância permitiu adequação descritiva e explanatória tanto nos casos de interpretações bem sucedidas quanto nos casos de interpretações mal sucedidas. Desse modo, a hipótese operacional foi plenamente corroborada.

Referências bibliográficas

- CARSTON, Robyn. "Implicature, explicature, and truth-theoretic semantics". In: KEMPSON, Ruth (Ed.). *Mental representations: the interface between language and reality*. Cambridge: Cambridge University, 1988, pp. 155-181.
- CORAL, Ruth de Farias. *Progressão temática em entrevista de Anthony Garotinho a Boris Casoy: análise com base na teoria da relevância*, 2003. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2003.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 24ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.
- GODOI, Jaqueline Marcos Garcia de. *Influência de implicaturas na elaboração de resumo sem consulta ao texto de base: estudo de caso com base na teoria da relevância*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2004.
- LEMINSKI, Paulo. *Caprichos & Relaxos*, 1983. Disponível em: <http://planeta.terra.com.br/artes/PopBox/Kamiquase/poesia.htm>. Acesso em 10 fev. 2004.
- MATIOLLA, José Antonio. *Aulas de Filosofia com alunos de sétima série do Ensino Fundamental: análise de processos interacionais com base na teoria da relevância*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2004.

- PAVEI, Maria de Fátima Silveira. *Influência do título na interpretação de charge*: estudo de caso com base na teoria da relevância. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2005.
- RAUEN, Fábio José. "Inferências em resumo com consulta ao texto de base: estudo de caso com base na Teoria da Relevância". *Linguagem em (Dis)curso*, v. 5, n. esp., 2005, pp. 33-57.
- SANTOS, Scheyla Damian Preve dos. *Interação jogos instrucionais, docente e estudantes em aulas de matemática sobre números inteiros: análise com base na teoria da relevância*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2005.
- SILVA, Célia Maria da. *Processos ostensivo-inferenciais do filme Neve sobre os cedros de Scott Hicks*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2003.
- SILVEIRA, Jane Rita Caetano da & FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância e outros ensaios*. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- _____. *Teoria da Relevância: uma resposta pragmático-cognitiva à comunicação inferencial humana*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.
- SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: communication & cognition*. 2ª ed. Oxford: Blackwell, 1995 [1ª ed.1986]
- VANDRESEN, Ana Sueli Ribeiro. *Interpretações do poema 'O barro', de Paulo Leminski, por docentes do Ensino Fundamental: análise com base na Teoria da Relevância*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2005.
- ZAPELINI, Clésia da Silva Mendes. *Produção de texto oral e escrito a partir da interpretação de história em quadrinhos: análise com base na teoria da relevância*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2005.

Resumo

Neste estudo de caso, analisam-se os processos de compreensão do poema *O Barro*, de Paulo Leminski, por trinta docentes de 1ª a 4ª séries da região de Fartura (SP). Com base na Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson (1986, 1985), as interpretações foram avaliadas pelos critérios de atribuição de referência aos itens lexicais 'barro' e 'você' e de recuperação da oposição e do paradoxo entre os enunciados do poema.

Palavras-chave: Teoria da Relevância; cognição; compreensão.

Abstract

This case study analyzes the comprehension process of Paulo Leminski's poem *O Barro*, by thirty teachers of elementary schools (1st to 4th grade) in the region of Fartura (SP). Based on the Relevance Theory, these interpretations has been evaluated by the criteria of attribution of reference to the lexical items 'barro' and 'você', and of the recovery of the opposition and the paradox between the utterances of the poem.

Keywords: Relevance Theory; cognition; comprehension.